

# **INSTRUMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA ABORDAGEM DAS RELAÇÕES ENTRE HOMENS E MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O PROCESSO EDUCATIVO <sup>1</sup>**

*Andréia da Silva PEREIRA<sup>2</sup>*

## **RESUMO**

Reflexões sobre a condição feminina têm tido espaços consideráveis em diversos trabalhos acadêmicos, que buscam de diferentes maneiras abarcar a complexidade do tema, que fica ainda maior quando a questão do feminino se revela dentro de uma perspectiva educacional e mais, dentro da Educação de jovens e adultos. É justamente esta questão que este artigo pretende abordar, buscando nas diferentes concepções acerca do feminino a abordagem teórico- metodológica mais adequada ao estudo das relações entre homens e mulheres, bem como a melhor maneira de compreender as suas relações com o processo educativo, que muitas vezes reflete representações e valores dos alunos, o que inclui a questão do feminino e masculino. Tal abordagem permite uma proposta que se pauta na relação entre homens e mulheres como meio rico de análise e, para tanto, o conhecimento das diferentes ferramentas para sua abordagem torna-se fundamental.

Palavras-chave: Gênero, Educação, Representações, Imaginário Popular, Cultura

Discussões em torno do tema educação permitem contemplar temas abrangentes, que incluem metodologias, políticas educacionais e aspectos relacionados de forma direta à educação. Refletir sobre a educação é processo complexo, dadas as dimensões do tema, que envolvem pressupostos teóricos que estão diretamente ligados à prática pedagógica, pois refletir acerca da educação é refletir a realidade dentro de perspectivas e olhares que buscam além de novas maneiras de pensar a educação, a construção de conhecimento e, é dentro da perspectiva de enxergar realidades diretamente ligadas à educação que o presente artigo remete a uma discussão que é ambígua, porém diretamente ligada à necessidade de uma abordagem preocupada com os alunos como

---

<sup>1</sup> Bolsa: CNPq-PIBIC.

<sup>2</sup> 3º ano de Pedagogia – Orientador: Dr. José Carlos Miguel – Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, CEP 17525-900, Marília, São Paulo – Brasil.

sujeitos do processo educativo. Tal perspectiva tem relação direta com educação e mulher, que discutidos conduzem à reflexão teórica acerca das literaturas publicadas nesses campos de estudos, bem como as diferentes perspectivas de análise que propõem.

A proposta deste artigo em relação às diferentes formas de discussão das relações entre homens e mulheres parte da observação de mulheres. Mulheres estas que têm evidenciado um fenômeno relevante num distrito denominado Padre Nóbrega. Mas, que olhar focaria a sua atenção para um distrito a 9 Km da cidade de Marília e com pouco mais de 5000 habitantes?<sup>3</sup> E que realidade poderia revelar a emergência de um estudo relacionado ao feminino naquela localidade? A realidade evidencia no distrito um público que atualmente é exclusivo de mulheres que freqüentam as aulas do PEJA<sup>4</sup>, mulheres que levam às aulas suas histórias, seus discursos, suas versões da vida que têm e das pessoas que convivem com elas. Nas aulas dadas<sup>5</sup> é possível ouvir das alunas acontecimentos que suscitam questionamentos quanto às relações que elas têm com seus companheiros, filhos, famílias, entre outros. Além disso, o público exclusivamente feminino levanta questões quanto à ausência de homens na freqüência das aulas e, quando há homens, que motivos os impedem que além do acesso, eles consigam a permanência nas aulas.

As questões que se colocam no cotidiano das aulas é que encaminham os questionamentos teóricos sobre as discussões em torno do feminino, que se arrastam por anos consideráveis<sup>6</sup>, remetendo a todo um aparato teórico e metodológico que ainda vem sendo construído, desde que o tradicionalismo da História e o privilégio dado ao econômico e o político<sup>7</sup>, deram gradualmente lugar ao surgimento da História Nova<sup>8</sup> e, o que antes era uma história de homens, deu espaço para novos discursos. Mas, discutir se a história pertence a homens ou mulheres não é objetivo, pois um dos objetivos principais deste artigo é refletir que meios de análise são possíveis dentro de uma abordagem que compreenda a realidade e não se limite a descrever as diferentes maneiras de estudar um objeto, pois estudar as relações existentes entre homens e mulheres e suas possíveis

---

<sup>3</sup> Dados fornecidos pela Comissão Organizadora dos Registros Históricos da Câmara Municipal e da cidade de Marília no último levantamento feito, em 1994.

<sup>4</sup> Projeto de Educação de Jovens e Adultos, vinculado ao Programa UNESP de Integração Social e Comunitária da PROEX que teve início em 2001 na cidade de Marília e em 2002 atendeu 94 alunos.

<sup>5</sup> Aulas que ministro na EE "Maria Izabel Sampaio Vidal" de segunda à quinta-feira das 20:00 às 22:00 hrs como voluntária no projeto.

<sup>6</sup> As discussões têm pelo menos 54 anos se considerado como inauguração das discussões em torno das condições femininas *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949.

<sup>7</sup> A história tradicional é a 'história vista de cima', da perspectiva dos heróis e das estruturas, ignorando as conjunturas e outros personagens dos acontecimentos.

<sup>8</sup> A discussão em torno da História Nova será aprofundada na apresentação da base teórica.

relações com o processo educativo é desvendar processos de exclusão de ambos os sexos, que podem ser compreendidos como processos que atingem tanto o masculino quanto o feminino e, para compreender de que maneiras homens e mulheres são ‘vítimas’ a ao mesmo tempo ‘culpados’ é que uma análise dos caminhos teóricos metodológicos tornam-se necessários.

Em termos teóricos, quando o assunto é a educação de adultos relacionada ao feminino, dois problemas surgem e, o primeiro deles refere-se ao estudo do feminino em si, o outro é atrelar educação e mulher, principalmente quando o assunto é o analfabetismo feminino. O problema em questão refere-se ao tipo de abordagem deste tema, pois se a questão do analfabetismo entre pessoas com mais de quinze anos é tema de discussões dada a exclusão social que sofrem estas pessoas, discutir a questão prioritária do feminino implica em refletir as condições femininas em relação ao acesso à educação, que nem sempre privilegiou as mulheres. Mas, refletir a condição feminina remonta a todo um processo histórico-cultural, que deve ser analisado em suas raízes, que se iniciam numa diferença primordial entre homens e mulheres: a sexual.

A Enciclopédia Larousse Cultural (1998) define bem duas categorias distintas: - "fêmea s.f. (Do lat. *Femina*) 1. Animal ou planta do sexo feminino. (Encicl.) - 2. Pop. A mulher" (ENCICLOPÉDIA ..., 1998, p. 2381).

"macho s. F. (Do lat. *Masculos*) 1. Animal que pertence ao sexo masculino ... adj. 1. Que é do sexo ou do gênero masculino. - 2. Forte, vigoroso. - 3. Valente, corajoso; másculo, viril..." (ENCICLOPÉDIA ..., 1998, p. 3712).

A princípio, a diferença primordial entre homens e mulheres, em seu aspecto visível, é a sexual, aquela que determina biologicamente os caracteres de macho ou fêmea, que definem o sexo de todos os animais independente da sua raça. Mas, observando atentamente, as definições acima se tornam no mínimo curiosas e tal curiosidade refere-se à maneira como os sexos são designados. A fêmea é aquela que pertence ao sexo feminino, é enfim, a mulher. Já o macho é, além de animal que pertence ao sexo masculino um adjetivo positivo, posto que ser *macho*, conforme as definições, corresponde a derivados de virilidade e força. Compreendido macho e fêmea como definições biológicas, os adjetivos de macho têm significados que vão além das definições de enciclopédias ou dicionários. E tais definições tornam-se ainda mais significativas quando a definição é de homem e mulher: "mulher s.f. (Do lat. *mulier*) 1. Ser humano do sexo feminino. - 2. Aquela que atingiu a puberdade. - 3. Esposa. - 4. Ser humano do sexo feminino considerado com suas

especificidades” (ENCICLOPÉDIA, 1998, p. 4116); “homem s.m. (Do lat. *Homo, hominis*)[...] 4. Ser humano do sexo masculino[...] 6. O ser humano de sexo masculino dotado das chamadas qualidades viris, como coragem, força, vigor sexual; macho: Homem que é homem nada teme” (ENCICLOPÉDIA, 1998, p.3011).

Enquanto ser mulher é pertencer ao sexo feminino ou atingir a puberdade, ser homem é ser macho, remetendo ao questionamento referente às maneiras que podem ter construído tais maneiras de compreender feminino e masculino e como tais definições podem ter tanta importância nas designações de papéis femininos e masculinos. Pois, se a diferença é sexual, como pode ter tomado tanta importância no campo da cultura? Compreender estas construções torna-se fundamental para uma abordagem que dê conta de explicar as diferenças construídas e, para tal abordagem torna-se necessário entender também o que é de fato constituir-se enquanto homem e mulher e que maneiras de exclusão podem ter permeado as relações entre homens e mulheres para compreender de que forma efetivou-se a construção de uma identidade cultural sobre a biológica, ou seja, de que maneira ser macho é ser homem e vice-versa e por que ambos denotam qualidades de superioridade, justificando por muito tempo as diferenças entre homens e mulheres. E entender como foram construídas tais diferenças é compreender como tem se desenvolvido o estudo em relação ao feminino e quais tendências ainda persistem nos estudos ligados à relação entre homens e mulheres, iniciado pela explicação biológica das diferenças.

Se fêmea significou ser do sexo feminino, ser macho compreendeu, e ainda compreende, ser superior ao sexo frágil<sup>9</sup>, numa demonstração de virilidade. Ser homem enfim "antes de tudo não se comportar como mulher [...]. É possuir qualidades opostas às das mulheres, ser o que elas não são e não ser o que elas são" (FALCONNET, 1978, p. 26).<sup>10</sup> mas, longe de pretender discutir se homens ou mulheres são superiores ou inferiores, o arcabouço teórico adotado na presente pesquisa colocará a discussão de masculino e feminino dentro de uma perspectiva que discute as duas características seu aspecto cultural e múltiplo, buscando o caráter social de masculino e feminino (LOURO, 1997).

A discussão acerca de homens e mulheres, mesmo quando pautada em seu aspecto cultural não deixa de adentrar na questão sexual, que remeteu muitas vezes as diferenças constituídas à diferença dos sexos. Considerar homem e mulher como

---

<sup>9</sup> Diz-se ‘ainda compreende’ por considerar que ainda existem permanências no que se refere à condição feminina e à designação de sexo frágil para a mulher.

<sup>10</sup> A referência à bibliografia não constitui o meio de base teórica adotado, mas contempla a sua necessidade para a discussão.

construções sociais implica em compreender de que maneira as diferenças sexuais servirão de base para a constituição de um discurso demasiadamente diferenciado dos sexos e não mais sustentar o argumento que a diferença sexual é a diferença principal e determinadora de papéis ditos masculinos e femininos<sup>11</sup>.

Apesar da justificativa biológica para os papéis femininos e masculinos, não há explicação precisa para definir quando e como se deu o processo de submissão da mulher e o da chamada dominação masculina<sup>12</sup>. O que se sabe é que a condição feminina justificou-se pelo seu aspecto biológico, mesmo para muitos filósofos, como Platão e Aristóteles, que consideravam a diferença dos sexos um fato da natureza, tendo um papel determinado a cumprir na sociedade e sua educação seria moral, dada a sua ausência de razão (PRIORE, 2000). E, isto fica claro na fala do próprio Platão: "Se a natureza não tivesse criado as mulheres e os escravos teriam dado ao próprio tear a propriedade de fiar sozinho" (ALVES 1985, p.11). Se considerado o fato de que na Grécia ser escravo era uma condição, a mulher então, encontrava-se ainda em situação inferior, pois não era escravo, mas não tinha meios de constituir-se enquanto cidadã. Diferença masculina e feminina parece então tomar corpo dentro de um determinismo indiscutível, pois se a diferença é sexual, não há meios de opor-se a um processo dado pela natureza e assim, o discurso que justifica a classificação do homem como ser superior é o de caráter sexual e, conseqüentemente, social. Quando a diferença é sexualmente definida, tem-se um discurso silencioso, pois os homens são os que têm as suas opiniões acerca das mulheres, refletindo sobre seus papéis e suas condições na sociedade.

Mesmo outras abordagens e discussões acerca da feminilidade não abrangeram a complexidade do tema, pois entender a diferença sexual como preponderante também constituiu como meio de explicação da luta de classes e da condição feminina dentro da perspectiva econômica de Marx, que não deu conta da questão feminina e da necessidade de sua discussão. A base teórica no marxismo, desta forma "[...] não aprofunda de fato, como disse Zetkin, a questão específica das mulheres [...] para Marx, a questão específica das mulheres trabalhadoras, e não só delas, se reduziria, finalmente, à questão da superação revolucionária do modo de produção capitalista." (BENOIT, 2000, p. 85).

Abordar somente um aspecto relacional de homens e mulheres, seja ele sexual ou econômico não dá conta de abordar homens e mulheres como seres em constantes

---

<sup>11</sup> Os meios de argumento para a diferença sexual estarão sendo expostos e discutidos ao longo do texto.

<sup>12</sup> Muraro (1993) e Louro (1997) são autores que abordam esta questão.

relações, não contemplando assim a necessidade de uma análise plural, no sentido de compreender os indivíduos como sujeitos múltiplos. E assim, dada a necessidade de pluralidade nas abordagens, a abordagem marxista pecou pela universalidade. Além disso, compreender a convivência como sinônimo de competição entre os sexos não daria conta de argumentar o fato de que no caso dos demais animais há relações também, mas que são de dominância, não de dominação (MURARO, 1993) e assim, não seria privilégio dos homens e mulheres as diferenças construídas socialmente em relação às questões de dominação - submissão.

Não que a diferença biológica esteja isenta de ser uma das contribuintes para as condições femininas, pois se reconhece o fato biológico como *um* dos motivos para a inclusão feminina no lar dada a responsabilidade designada a elas pela maternidade e os períodos de gestação e lactação, mas não são estes pontos que justificam as proporções que tomaram a chamada dominação masculina<sup>13</sup>, que influenciou na construção de papéis masculinos e femininos a serem desempenhados na sociedade, que implicaria no surgimento gradual do patriarcado (MURARO, 1993), que vai além dos domínios sociais masculinos e torna o homem detentor dos domínios totais, que incluem a família e a mulher.

Considerando a polaridade dominação - submissão, torna-se possível notar que não é algo posto, mas constituída histórica e socialmente, não pela determinação biológica, o que torna necessário não pautar as discussões do feminino em explicações universais, devendo contemplar a diferença em sentido de multiplicidade de sujeitos. Simone de Beauvoir, em 1949, com *O segundo Sexo*, representa um marco inicial nas mudanças dentro das perspectivas teóricas para os estudos do feminino, pois vai além dos determinismos biológicos e suas justificativas ao discutir que formas colocaram a mulher como sexo secundário. O que a autora inaugura é uma nova maneira de discutir as diferenças, desmontando argumentos de submissão feminina da psicanálise freudiana<sup>14</sup> e das análises marxistas já expostas.

O pensamento em torno das discussões do feminino, seja por Beauvoir, Marx ou pela Filosofia Antiga representam um longo e demorado processo de abordagem teórica da questão feminina. Pensar a história e as condições das mulheres começava a se tornar

---

<sup>13</sup> O termo aqui utilizado não pretende discutir dominantes e dominados, nem tomar o discurso feminista dos anos 70. O termo empregado refere-se à construção social da dominação masculina e não sexual.

<sup>14</sup> Freud buscou a explicação psicológica quando afirmou que a mulher tinha um trauma causado pela inveja que ela tem do homem dada a ausência de um órgão genital masculino.

um campo de discussão com maior ênfase e representatividade e, o feminismo, surgido nos anos 70, com sua força social marcou profundamente os estudos de mulheres, trazendo pressupostos teórico-metodológicos importantes para as discussões acerca da condição feminina (SOIHET, 1997). A importância do movimento feminista está justamente na abertura das discussões e reivindicações de condições para as mulheres. A força do movimento feminista como impulsionador dos estudos do feminino porém, não se deu de forma isolada, pois

[...] a história da mulher emergiu e ganhou musculatura, a partir de 1970, atrelada à explosão do feminismo, articulada ao florescimento da antropologia e da história das mentalidades, bem como às pesquisas, até então inéditas, sobre a memória popular (PRIORE, 2000, p. 220).

Iniciava-se então um impulso significativo e uma nova abertura dentro do estudo de mulheres, que implicaria em desvendar as formas de opressão feminina, buscando o resgate da mulher na história. Assim, surgia um período da verdadeira história da mulher, que acarretaria o surgimento de pesquisas voltadas, em sua maioria, exclusivamente para as mulheres. O que surgiria com o feminismo e as pesquisas em torno do feminino seria um processo inverso, pois, se antes a história política e econômica privilegiava somente os homens, a história das mulheres iria vê-las como seres isolados da sociedade. E, nisto implicava o fato de ora vitimizar, ora heroicizar a mulher (MATOS, 2000).

O que passa a constituir-se então é uma história paralela, que muitas vezes limitou o espaço da mulher ao lar e à família. Se uma abertura dada pelo valor da história das mentalidades surgiu com a História Nova<sup>15</sup>, a inversão de sujeitos como protagonistas da história intensificou o isolamento da mulher em sua própria história, pois o estudo da mulher tornou-se uma polarização homem - mulher/ dominação - submissão, acarretada pela influência do feminismo e sua abordagem nas relações de poder nas pesquisas (LOURO, 1997).

A discussão neste texto em torno do feminismo torna-se importante, dada a sua influência nas categorias de análise atuais e pela sua importância dentro dos estudos relacionados a homens e mulheres. Compreender o que significa o estudo de mulheres influenciado pelo feminismo permite analisar como as literaturas lançadas na década de 70

---

<sup>15</sup> A História Nova surgiu por volta de 1929 com a *Escola de Anales* (BURKE, 2000).

estiveram sob forte influência do pensamento ligado à negação da superioridade masculina. Sob influência do feminismo, heroicizar ou vitimizar a mulher não implicava necessariamente em discutir diretamente a seu respeito. O que se mostrava claro era o fato de os escritos, mesmo sobre os homens, culpabilizá-los por suas atitudes de dominação, sem no entanto considerar o fato de que culpabilizar uma dada categoria não transforma um processo, somente reforça o papel de vítima da mulher. O teor de alguns escritos evidencia bem o processo descrito:

Compensando as frustrações afetivas da própria infância ou as sofridas nas relações de trabalho, eles saboreiam o prazer de manifestar sua autoridade sobre os filhos, embora se recusem a confessá-lo e digam que o fazem em benefício da crianças [...] (FALCONNET, 1978, p. 58).

Mesmo que implicitamente, a citação evidencia a autoridade masculina e as frustrações que levam o homem a impor-se de maneira autoritária sobre os filhos e, certamente sua esposa. Diante de tais frustrações, o homem não é vítima, mas opressor, quando na verdade uma construção em torno da masculinidade faz do homem também vítima de uma representação, pois não deve ser esquecido que a educação ao longo da infância contribui muito para a construção das representações. Considerar que o homem compensa suas frustrações, reforça a teoria da diferença posta sexualmente e não dá meios de se repensar as formas de construção social em relação a homens e mulheres. Diante dos pressupostos como os evidenciados pelas diferentes literaturas sob influência do feminismo, surgiram questionamentos quanto ao que a história das mulheres representou de mudança dentro da história e, o próprio termo *das mulheres* respondia o tipo de modificação que havia feito na história, relacionada ao surgimento de uma história paralela. Falava-se da submissão das mulheres, mas não dos seus processos, não se discutia a sua construção social e foi somente a partir dos anos 80, surgiu uma discussão teórica que abandonava gradativamente o feminismo e suas concepções, dando lugar à categoria gênero, que

[...] apontando a fragilidade de conceitos tais como opressão sexual, guerra dos sexos, classe sexual, papéis sexuais...defende-se agora que sejam feitas pesquisas sobre o feminino, reconstruindo este objeto a partir de uma multiplicidade de níveis e perspectivas (BENOIT, 2000, p. 79).

Tal abordagem compreende uma mudança significativa nas pesquisas, pois não seria mais o estudo de mulheres algo isolado das relações sociais cotidianas e, a inversão antes ocorrida por influência do feminismo dá lugar à concepção de gênero como uma categoria de análise<sup>16</sup> e assim, uma nova concepção metodológica e um novo arcabouço teórico começa a ser construído, não focando seu objeto em aspectos políticos, econômicos, psicológicos, entre outros, em separado, mas sim de forma que:

Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas tudo o que se construiu sobre os sexos. O debate vai se construir, então, através de uma nova linguagem, na qual a categoria *gênero* será um conceito fundamental (LOURO, 1997, p.21).

Assim, a categoria gênero mostra-se como meio adequado para uma abordagem teórico-metodológica, pois não se torna universalista, nem privilegia o feminino como sujeito exclusivo de análise. O que importa nas concepções de gênero são as possibilidades que autores como Muraro (1993), Priore (2000), Matos (2000), Louro (1997) e Soihet (1997) compreendem dentro desta categoria. Ao contrário de uma história de mulheres, tem-se uma abordagem de gênero, que permite discussões mais amplas dentro das relações entre homens e mulheres, compreendido que feminino e masculino são identidades construídas social e culturalmente, enquanto macho e fêmea só define como nascemos biologicamente. Tal concepção toma base no fato que é nas relações sociais e no cotidiano que se dão transformações, conflitos e permanências e assim, privilegiar somente o feminino não daria conta da multiplicidade dos sujeitos, não contemplando o fato que homens e mulheres estão em relação constante.

Se o privilégio do biológico não sustenta a teoria das diferenças entre homens e mulheres e o econômico não adentra na questão feminina de fato, o feminismo não privilegia a construção social de identidades e assim, busca uma abordagem diferenciada, posto que

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades femininas ou masculinas sejam atributos do ser humano em sua globalidade (ALVES, 1985, p. 9).

---

<sup>16</sup> No Brasil, a categoria gênero foi efetivamente adotada somente a partir dos anos 90.

Dentro de tais caminhos, que reconstróem a identidade de sexo, a categoria gênero surge como uma maneira de pensar não o sexo como identidade, mas o gênero, posto que os sujeitos não são imutáveis, mas plurais e transformadores (LOURO, 1997) e assim, não há construção de papéis masculinos e femininos, pois não é uma identidade dada, mas construída. E, partindo do pressuposto teórico, estudar *a mulher* seria generalizar o que é plural, seria mascarar e ocultar sujeitos, deixando à margem dos discursos sujeitos importantes. Definir gênero como categoria implica em uma necessidade de não definir homem e mulher como categorias, posto que homem e mulher não constituem e identidade homogênea. Existem homens e mulheres, não homem e mulher (SOIHET, 1997) e o que importa são as relações sociais e as construções de identidade socialmente. Compreender parte do todo implica em desmontar universalismos errôneos e privilegiar a diversidade, mesmo porque outros fatos estão ligados à história do feminismo, pois as mulheres viveram e vivem em sociedade assim como os homens, e isto implica em relações. Se a mulher foi submissa é porque alguma categoria social foi dominante, não havendo assim maneira de separar homens e mulheres. O mesmo cabe ao distrito de Padre Nóbrega, pois as mulheres que freqüentam as aulas vivem em sociedade e, se são público exclusivo nas aulas, não são exclusividade nas suas ações cotidianas. Elas relacionam-se em casa, no trabalho, na igreja e outros lugares. E isto inclui a relação direta com os homens.

Para estudar os sujeitos de tal localidade a categoria gênero permite uma abordagem que compreende as relações sociais sem uma definição prévia, pois, se os sujeitos constituem-se ao longo do tempo (LOURO, 1997), não há como deixá-lo estático em função de um pré-determinismo. Além disso, buscar as mulheres nas suas relações com os homens permite descobrir como sua imagem e representação foram construídas ao longo do tempo (PRIORE, 2000), o que não seria possível com um tipo específico de análise. Na busca dos sujeitos e de seus discursos, a categoria gênero compreende a existência de mulheres heterossexuais ou não, trabalhadoras ou não, casadas ou solteiras, entre outros. Predeterminar o tipo de homem e mulher que se pretende encontrar seria continuar com as polarizações do feminismo e, adotar as mulheres como únicos sujeitos e atrizes da história, ou seja, seria fazer uma História Tradicional invertida. Compreender as relações implica em conhecer o outro, em descortinar a realidade aparente, significa analisar os discursos em suas perspectivas pessoais, coisa para qual a História Nova contribuiu muito, mas o presente texto não discutirá profundamente a História Nova por

considerar que a mesma não compreende o objetivo primordial da pesquisa em andamento, apesar de ser importante nas abordagens de gênero.

Permitir novas vozes e novos pontos de vista sem recortar a realidade compreende em focar a história para outros fazedores da mesma. As discussões em torno da abordagem de gênero não podem abandonar a contribuição da História Nova, que tem sua base filosófica na idéia de uma realidade social construída culturalmente (BURKE, 1992, p.11) e assim, se os movimentos e as relações sociais influenciam a história, uma nova maneira de compreendê-la implica em uma possibilidade de variação de objetos de estudos, como o feminino e a sua relação com o masculino, tornando o impulso dado pela História Nova um meio importante para as pesquisas de gênero. Tais pressupostos teóricos adotados permitem que as discussões posteriores acerca dos sujeitos da pesquisa no distrito de Padre Nóbrega tenham base sólida de análise dentro de uma perspectiva que privilegie as relações entre os sujeitos e as possíveis influências no que diz respeito ao acesso e permanência à educação.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Branca; PITANGUY, Jaqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. (Coleção primeiros passos).

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENOIT, Lelita Oliveira. Feminismo, gênero e revolução. In: *CRÍTICA marxista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000, nº 11, p. 76-88.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: \_\_\_\_\_. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p.7-25.

BURKE, Peter. *Varietades da história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

FALCONNET, Georges; LEFAUCHEUR, Nadine. *A fabricação dos machos*. Tradução: Clara Ramos. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história da mulher*. Bauru: EDUSC, 2000.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

PRIORE, Mary Del. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FERITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2000.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

---

**ARTIGO RECEBIDO EM 2003.**